

PRECISAMOS DE UMA NOVA COP?



A cada ano, chefes de Estado, negociadores, cientistas e ativistas se reúnem para discutir o futuro do planeta nas Conferências das Partes (COPs). Desde 1995, esse espaço multilateral tem sido palco de compromissos históricos, mas também de frustrações recorrentes. Os avanços são lentos diante da velocidade da crise climática, e a sensação de que estamos sempre correndo atrás do tempo perdido alimenta a pergunta inevitável:

até que ponto as COPs ainda são capazes de responder ao desafio existencial que enfrentamos?

O multilateralismo climático, pilar dessas conferências, foi concebido com a ambição de criar convergências globais em torno de um problema comum. No entanto, os interesses econômicos e geopolíticos frequentemente bloqueiam decisões mais ousadas. Entre a diplomacia de bastidores e a pressão das ruas, o que se constrói muitas vezes são compro-

missos frágeis, distantes das transformações estruturais necessárias para conter o aquecimento global.

Ao mesmo tempo, não se pode negar a força simbólica e prática das COPs. Elas seguem sendo o espaço em que países do Sul Global podem confrontar potências históricas, em que movimentos sociais podem ecoar suas vozes e em que novas coalizões surgem para empurrar a agenda climática.

Talvez a questão não seja simplesmente “abolir” ou “reinventar” as COPs, mas reimaginar sua função: como torná-las catalisadores de ação real, em vez de rituais de promessas postergadas?

É nesse espírito que esta edição do **Via Vena** se propõe a refletir sobre o que as COPs ainda representam, e o que elas poderiam ser. Precisamos revisitar os limites e as possibilidades desse espaço multilateral, indagar o que pode ser feito dentro e fora dele e, sobretudo, abrir a conversa sobre que tipo de governança climática é capaz de enfrentar uma crise que já ultrapassa fronteiras, gerações e instituições.



ACORDOS DIPLOMÁTICOS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO:



Se a COP nasceu para ser o espaço de convergência da ação climática global, a distância entre os discursos e a realidade continua sendo o maior abismo a ser atravessado. O Acordo de Paris representou um marco, mas seu potencial permanece travado por compromissos frágeis, metas pouco ambiciosas e promessas financeiras não cumpridas. Para que ele saia do papel e tenha impacto real, é preciso pactuar medidas concretas e inadiáveis, capazes de transformar intenções em ação. Eis alguns pontos que deveriam estar no centro da mesa de negociações:

O que precisamos pactuar na COP para que o Acordo de Paris saia do papel?

► Cumprimento efetivo das metas de mitigação:

transformar Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) em planos obrigatórios, com mecanismos de monitoramento e sanção para quem não cumprir. Desde a ratificação do Acordo até outubro de 2025 (cerca de uma década depois), apenas 62 dos 130 países signatários entregaram suas contribuições.

► Financiamento climático justo e previsível:

garantir os US\$ 300 bilhões anuais prometidos aos países em desenvolvimento e criar novos mecanismos de financiamento para adaptação e perdas e danos.

► Transição energética global acelerada:

estabelecer prazos concretos para a eliminação dos subsídios aos combustíveis fósseis e para a expansão das renováveis em escala mundial.



► Justiça climática e equidade:

reconhecer responsabilidades históricas, garantir a centralidade do Sul Global nas negociações e apoiar uma transição justa que não deixe comunidades e trabalhadores para trás.

► Proteção de ecossistemas vitais:

assumir compromissos globais vinculantes para deter o desmatamento, a degradação dos oceanos e a destruição da biodiversidade até 2030.

► Governança climática mais transparente:

fortalecer os mecanismos de prestação de contas, participação da sociedade civil e acesso público às informações sobre negociações e resultados.

► Alinhamento da economia global ao Acordo de Paris:

exigir que bancos multilaterais, fundos soberanos e instituições financeiras integrem critérios climáticos obrigatórios em todos os seus investimentos.





O FUTURO DO MULTILATERALISMO CLIMÁTICO

- e o papel do Brasil

O multilateralismo climático vive uma encruzilhada: ao mesmo tempo em que se mostra insuficiente para conter a velocidade da crise, continua sendo o único espaço onde países desiguais podem se encontrar em torno de um problema comum. Nesse tabuleiro, o Brasil ocupa uma posição singular. De um lado, é uma potência ambiental, abrigando em seu território a maior floresta tropical do planeta e protagonista em setores-chave como agricultura, energia renovável e biodiversidade. De outro, enfrenta enormes desafios internos de desigualdade, desmatamento e dependência de modelos econômicos predatórios.

Assumir protagonismo não significa apenas liderar negociações internacionais, ou assumir contribuições voluntárias ambiciosas, mas também demonstrar coerência interna. O Brasil pode projetar autoridade global ao acelerar sua transição energética, zerar o desmatamento, apoiar a bioeconomia e demonstrar que desenvolvimento e preservação não são caminhos opostos. Essa liderança prática se traduziria em maior legitimidade para cobrar dos

países ricos compromissos mais robustos de financiamento e mitigação.

Qual a NDC Brasileira?

Entregue ao secretário executivo da UNFCCC em 2024, no contexto da COP 29, a nova Contribuição Nacionalmente Determinada do Brasil estabelece a meta de reduzir as emissões líquidas de gases de efeito estufa do país entre 59% e 67% até 2035.

O futuro do multilateralismo depende de atores capazes de costurar pontes entre Norte e Sul, ciência e política, Estado e sociedade civil. O Brasil tem todos os elementos para desempenhar esse papel, mas precisa decidir se será apenas um participante do jogo ou um articulador de uma nova ordem climática mais justa, equitativa e eficaz. Mais do que ocupar a mesa de negociações, trata-se de redesenhar o tabuleiro.

PARA SE APROFUNDAR EM TEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS E NA COP30!

O que você precisa saber sobre o contexto socio-ambiental

⚡ Para se atualizar rapidinho:

📄 **Matéria da Politize** - Acordo de Paris: o que é? Contextualização sobre o documento que guia, até hoje, muitas políticas climáticas regulatórias.

📄 **[EN] Matéria da ONU** - Acordo de Paris: como funciona e quais são os três principais elementos que norteiam o Acordo.

📄 **Matéria WRI Brasil** - 15 anos da Política Nacional sobre Mudança do Clima: passado e futuro.

🔍 **Plataforma** - AdaptaCLIMA: sistematização de informações e materiais sobre adaptação à mudança do clima.

🕒 Para se atualizar com mais tempo:

📖 **Livro** - Ideias para Adiar o Fim do Mundo: palestra proferida por Ailton Krenak no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

🎧 **Podcast** - Economia do Futuro: para apresentar novas tecnologias, empresas, políticas públicas e indivíduos envolvidos na construção da economia do futuro.

🎧 **Podcast** - Ambiente é o Meio: vinculado à Rádio USP, é um programa de entrevistas semanais que aborda temas sociocientíficos em contextos ambientais.

🎧 **Podcast** - Arquipélago Verde: discussão de notícias sobre sustentabilidade a partir do olhar de duas pesquisadoras brasileiras.

🎧 **[EN] Podcast** - Episódio do The Daily "A Climate Warning From the Fertile Crescent" sobre a crise hídrica no Iraque e suas repercussões.

🎧 **Podcast** - Vozes do Planeta: entrevistas e temas socioambientais, um dos primeiros podcasts sobre o tema no Brasil.



PARA SE APROFUNDAR EM TEMÁTICAS SOCIOAMBIENTAIS E NA COP30!

O que você precisa saber sobre a COP30

⚡ Para se atualizar rapidinho:

 **Boletim de Rádio** COP30 Brasil: o canal oficial da Conferência divulga gratuitamente boletins relacionados ao evento.

 **Matéria da WRI Brasil** - Compromissos adotados pós-COP26

 **Matéria da WRI Brasil** - Compromissos adotados pós-COP27

 **Movimento social** - COP das Baixadas: projeto diretamente das periferias amazônicas, que promovem ações de educação climática, atividades culturais, de lazer e esporte nas comunidades.

🕒 Para se atualizar com mais tempo:

 **Curso** - Você sabe o que é a COP? - Capacitação gratuita oferecida pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) com certificado.



VENA

